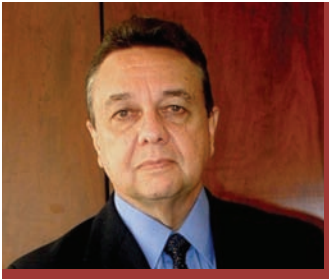


Diário de bordo

Oportunidade rara



Roberto Rodrigues*

TODO MUNDO tem problemas. O que importa é como cada pessoa reage a eles. Há os derrotistas, que se entregam por se considerarem incapazes de enfrentá-los, há os que esperam ajuda para o enfrentamento, e há os lutadores, que vêem nos problemas um inimigo a derrotar e, quem sabe, uma oportunidade..

Assim é também com as nações e seus governos. Reagem diferentemente quando submetidos a crises abrangentes.

Estamos no olho do furacão de uma crise global deflagrada pelo desequilíbrio do sistema financeiro norte-americano e esparramada pelos cinco continentes. De uma forma ou de outra todos os países serão afetados em seus diversos setores econômicos, e todos perderão, mais ou menos. Todos? Não seria possível encontrar oportunidades nesta crise? Em que países e setores?

O agronegócio brasileiro já se ressentiu disso tudo: a alta dos custos de produção da safra que estamos plantando exige mais dinheiro por hectare em termos de crédito de custeio. Como os depósitos à vista diminuíram em função do fim da CPME, caiu a oferta deste crédito. E a crise global ajudou a diminuí-lo, especialmente para exportação e nos financiamentos das multinacionais, *tradings* e moageiras, sobretudo de soja.

O problema está proposto: uma safra mais cara com menos crédito. E pode

piorar – não necessariamente, mas pode – se os preços das *commodities* agrícolas despencarem e, na pior das hipóteses, se o dólar se desvalorizar.

Isso não é provável, porque o fundamento essencial para os alimentos estarem com preços acima da média histórica persiste, ou seja, a renda *per capita* dos habitantes dos países em desenvolvimento está crescendo 3,5 vezes mais, ao ano, do que a dos países desenvolvidos, onde a crise financeira é muito mais intensa. Como a oferta de alimentos não acompanhou o crescimento da demanda no mundo, os estoques mundiais diminuiram e os preços subiram. E isso não mudou. Portanto, só uma grande catástrofe levaria à redução significativa da demanda entre os emergentes, derrubando os preços também aqui.

Mas, e se acontecesse? Seria ruim, porque os produtores rurais perderiam renda, ficando sem chance de plantar no futuro próximo, o que geraria inflação no Brasil, além de reduzir nossas exportações.

Como reagir a essa ameaça? Não é difícil, até porque o plantio de 2009 seria reduzido globalmente, os estoques seguiriam baixos e, quando a crise passasse – porque passará – os preços explodiriam.

Pois bem, o que nos cabe é garantir a capacidade produtiva de nossos agropecuaristas. Para isso, temos o instrumento, que são os preços mínimos. Se o governo decidir usar essa lei, existente há décadas, estará matando três coelhos com uma só cajadada, pois protegerá a renda rural, garantirá o abastecimento interno (eliminando assim o efeito inflacionário) e permitirá a ocupação de espaços enormes nos mercados agrícolas internacionais.

E, de quebra, minimizará a crise internamente.

É uma grande oportunidade que não pode ser perdida. ■

* Coordenador do Centro de Agronegócio da FGV, presidente do Conselho Superior de Agronegócio da Fiesp e professor de Economia Rural da Unesp/Jaboticabal

Produzir

Agronegócio unido



Cesário Ramalho da Silva*

O AGRONEGÓCIO brasileiro precisa de mais união entre os agentes do setor e fortalecer a aliança entre as lideranças rurais do País. Com a fragmentação da representação rural nos últimos anos, cada cadeia produtiva passou a dedicar-se principalmente à sua atividade, e enfraqueceu a representação do setor com outros públicos, fundamentalmente a opinião pública nas cidades. Mais que isso, dificultou o diagnóstico dos desafios que impactam todo o agronegócio, a identificação de soluções, e enfraqueceu sua comunicação interna.

O ministro Stephanes deu o recado recentemente em Londrina ao dizer “que a falta de união do setor produtivo agropecuário contribui para a aprovação de leis ambientais absurdas e fora da realidade”. Destacou que “enquanto a população indígena e o meio ambiente têm estruturas de defesa organizadas e sistematizadas, o setor produtivo não está organizado e, por isso, ninguém reage”. Com os governos a força política do setor em parte é exercida por meio do trabalho de representação das entidades ‘macro’, parlamentares, secretários de Agricultura, entre outros, e seria melhor se houvesse maior união.

Com o meio urbano, porém, onde estão os formadores de opinião e os tomadores de decisão que norteiam negócios e políticas públicas, o relacionamento do setor é praticamente zero.